

A Proteção da Cultura Imaterial e seus Impasses

Arthur Sofiati*

Resumo

Uma das propostas para preservar as manifestações culturais é o seu congelamento, o que equivaleria ao seu tombamento, assim como se tomba uma cidade, uma edificação ou um bem material móvel. As manifestações imateriais, contudo, são impalpáveis e brotam de pessoas inseridas em contextos sociais sempre sujeitos a mudanças. Desta forma, Artur Sofiati nos conta como algumas visões sobre a preservação deste patrimônio Imaterial.

Introdução

Voltando-se para o estudo das representações mentais e sociais, o historiador brasileiro *Ciro Flamarion Cardoso* concluiu que a História nunca conseguiu construir uma teoria e um método que conseguissem compreendê-las e explicá-las. A seu juízo, o esforço de *Pierre Bourdieu* e de *Roger Chartier* é limitado, desleixado e não dá conta das múltiplas dimensões das representações. Reconhecendo as deficiências de sua disciplina, o historiador recorre à outra: a psicologia social, que, segundo ele, mostra como a representação mental, formada pelo indivíduo, acaba por coletivizar-se e tornar-se social.

Se, na condição de historiador, *Ciro Flamarion Cardoso* pode rejeitar as teorias e os métodos da história como insuficientes para dar conta do fenômeno das representações ou da cultura imaterial, um estudioso dos sistemas complexos tem mais liberdade ainda para apontar os limites da psicologia social e buscar socorro nas neurociências. *Edgar Morin*, o grande teórico dos sistemas complexos, vale-se do conceito de emergência para transitar do micro ao macro. As moléculas são emergências dos átomos. A célula é emergência das moléculas. O vivo é emergência do não-vivo. Os pluricelulares, emergência dos unicelulares. Os vertebrados emergem dos invertebrados, assim como os mamíferos emergem do filo cordado. Os primatas são uma emergência complexa dos mamíferos, enquanto os homínídeos emergem dos primatas. Por este prisma, a mente emerge do cérebro hiper-complexo do *Homo sapiens*, tanto quanto a consciência, o inconsciente, a memória e as representações.

O neurobiólogo *António Damásio* explica que a consciência central do ser humano, partilhada com outros animais, capta as informações do mundo exterior em seu sentido bruto e imediato, remetendo-as

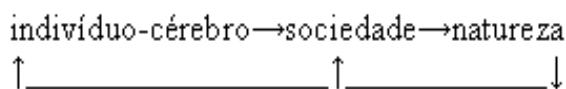
à consciência ampliada, que as trabalhará de modo a transformá-las em representações individuais. Estas, sendo aceitas pela coletividade, irão se transformar em representações sociais, vale dizer, em cultura imaterial. Mas cabe uma ressalva: uma representação individual trabalhada e adotada pelo coletivo sempre será apreendida como singular pelo indivíduo e, como tal, intransferível em sua particularidade.

Cada vez mais, para neurocientistas como *Jean-Pierre Changeux*, *Humberto Maturana* e *Francisco Varela*, o inato recua em todos os animais para dar lugar ao adquirido. No ser humano, o espaço para o adquirido, isto é, para a cultura, alcança grande amplitude, talvez a maior encontrada na natureza até o momento. No entanto, a etologia vem enfaticamente demonstrando que a sociedade e a cultura, antes consideradas criações exclusivas dos homínídeos, existem de forma complexa ou embrionária em outras espécies, principalmente nos primatas. Assim, inverte-se a explicação clássica: não foram os homínídeos que criaram a sociedade e a cultura, mas estas é que contribuíram para a emergência dos homínídeos, que, por sua vez, desenvolveram-nas e pluralizaram-nas. Eis a razão de *Edgar Morin* denominar as sociedades humanas de antropossociedades e o conjunto sociedade-cultura humano pelo adjetivo de antropossociocultural.

Roger Penrose pergunta-se por que as baleias não conseguem materializar sua produção cultural imaterial e cogita que talvez seja por um traço anatômico humano a lhes faltar: as mãos. De fato, é difícil pensar como o imaterial poderia ser materializado pelos homínídeos se eles não dispusessem de mãos emancipadas pela postura erecta e pelos pés adaptados à marcha. A emergência da cultura material nos

* Arthur Sofiati - Doutor em História Ambiental pelo IFCS/UFRJ

hominídeos não ocorreu necessária e simultaneamente com a cultura imaterial. Todavia, é a partir dela que podemos inferir a capacidade deste grupo zoológico para construir representações mentais e sociais complexas, como mostra o anel recursivo:



A cultura material testemunha os passos do desenvolvimento anatômico-sociocultural de cada espécie hominídea, enfim, de sua cultura imaterial. Dependendo da matéria empregada em sua produção, tais manifestações tangíveis podem desaparecer pela ação de vários fatores ou resistir ao tempo, chegando até nosso conhecimento. De acordo com a importância que lhes conferimos, elas podem ser patrimonializadas, isto é, receberem um estatuto especial de proteção.

Já no que concerne à cultura imaterial, a proteção se revela problemática. O historiador inglês Arnold Toynbee dizia que uma sociedade começa falando o sânscrito e termina falando o prácrito. Em outras palavras, as antropossociedades se transformam e com elas a sua cultura. Claro que os ritmos de transformação variam. As antropossociedades arcaicas, em isolamento, costumam apresentar um ritmo de tal maneira lento que chegaram a ser chamadas de sociedades sem história. Normalmente, a transformação, nelas, é imperceptível por cada geração. Mudanças mais rápidas podem ocorrer quando se lhes colocam desafios internos ou externos a serem respondidos. Conforme a magnitude deles, a antropossociedade pode sucumbir. Mas pode, também, responder positivamente ao desafio e situar-se em outro patamar. Assim, a cultura imaterial se modifica e, com ela, a cultura material.

Nenhuma antropossociedade, que se saiba, alcançou a velocidade de transformação da chamada civilização ocidental, sobretudo a partir do século XVI, quando se inicia mais incisivamente o seu processo de mundialização. Sob mudança constante, a cultura imaterial está sempre deixando de ser o que é, esvaziando-se por dentro, perdendo a significação para o conjunto social e adquirindo caráter de "sobrevivências" ou de "antiguidades populares", que o arqueólogo inglês William John Thoms elegera, em 1846, como objeto de estudo do Folclore.

Sempre sendo, numa fórmula heraclitiana, a civilização ocidental impôs este ritmo também às outras culturas do planeta. É natural, pois, a preocupação - inexistente nas antropossociedades tradicionais - de preservar manifestações materiais dos distintos momentos da história de cada antropossociedade tanto quanto de manifestações imateriais. As primeiras se desgastam lentamente, se forem adequadamente protegidas, e sempre ganham o estatuto de patrimônio de acordo com o significado que cada geração lhes atribui. As manifestações imateriais, por outro lado, são lábeis e nem sempre o significado conferido por quem as pratica coincide com o significado atribuído por quem as quer proteger. A preocupação com sua proteção mostra-se mais acentuada por quem as estuda do que por quem as vive.

Uma das propostas para preservá-las é o seu congelamento, o que equivaleria ao seu tombamento, assim como se tomba uma cidade, uma edificação ou um bem material móvel. As manifestações imateriais, contudo, são impalpáveis e brotam de pessoas inseridas em contextos sociais sempre sujeitos a mudanças. Ante esta realidade, a segunda tendência consiste em incentivar

a proteção de tais manifestações com recursos financeiros públicos ou privados, na tentativa de motivar seus praticantes a manter vivo o seu espírito. Entretanto, por mais que eles se esforcem, a dinâmica social global acaba por lhes impor mudanças inconscientes de visão de mundo.

Por fim, a terceira tendência é representada por aqueles que, derrotados pelos ritmos históricos do Ocidente ou impostos pelo Ocidente a outras culturas, contentam-se em promover o registro do bem imaterial para conferir-lhe a condição de patrimônio. Este é o espírito do Decreto Federal Brasileiro nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, que vem inspirando o Guia Cultural da UNESCO. Este órgão da ONU já proclamou como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade a Ópera de Kungu, na China, e a feira da Praça de Jemaa el-Fna, em Marrakesh, entre outras. No Brasil, estão cotados para o guia a técnica de fabricação do queijo mineiro do Serro, a festa do Círio de Nazaré e o toque dos sinos de São João Del Rey.